

O CABELO COMO ELEMENTO DA REPRESENTAÇÃO DA IDENTIDADE NA CRIANÇA EM LIVROS INFANTIS

HAIR AS AN ELEMENT IN THE REPRESENTATION OF CHILDREN'S IDENTITY IN CHILDREN'S BOOKS

EL CABELLO COMO ELEMENTO DE REPRESENTACIÓN DE LA IDENTIDAD EN LOS LIBROS INFANTILES

Lélia de Almeida Arraes Freitas¹
Olira Saraiva Rodrigues²

RESUMO

Muitas são as angústias e conflitos que permeiam a vida das crianças negras com cabelo crespo na infância, por não compreender a origem e cultura relacionada ao cabelo, muitas vezes essa etapa reverbera em sofrimento. Para tanto, questiona-se a legitimidade do discurso proposto nos livros infantis se estes contribuem ou não para o resgate da identidade. Objetiva analisar o cabelo como elemento da representação da identidade na criança, bem como a conscientização crítica do elemento cabelo como representação da identidade, além de contribuir para a formação da identidade da criança afro-brasileira. Propõe-se uma Análise Crítica do Discurso do livro 'O cabelo de Lelé' da autora Valeria Belém. Refere a uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa e tem como categoria a análise do discurso crítica. Contribuíram Orlandi (2020), Fairclough (1989; 2001), Halliday (2004), Magalhães (2004) Domingues (2005), Coutinho (2001), Palhares (2012), Gomes (2023) Guimarães (2013) Mariosa e dos Reis (2011).

PALAVRAS-CHAVE: identidade; análise crítica do discurso; infância; literatura.

ABSTRACT

There are many anxieties and conflicts that permeate the lives of black children with curly hair in childhood, due to not understanding the origin and culture related to hair, this stage often reverberates in suffering. To this end, the legitimacy of the discourse proposed in children's books is questioned, whether they contribute to the recovery of identity. It aims to analyze hair as an element of the representation of identity in children, as well as critical awareness of the element of hair as a representation of identity, in addition to contributing to the formation of the identity of Afro-Brazilian children. A Critical Discourse Analysis of the book 'O Cabelo de Lelé' by author Valeria Belém is proposed. It refers to bibliographical research with a qualitative approach and its category is critical discourse analysis. Contributors were Orlandi (2020), Fairclough (1989; 2001), Halliday (2004), Magalhães (2004) Domingues (2005), Coutinho (2001), Palhares (2012), Gomes (2023) Guimarães (2013) Mariosa and dos Reis (2011).

KEYWORDS: identity; critical discourse analysis; childhood; literature.

RESUMEN

Muchas son las angustias y los conflictos que impregnan la vida de los niños negros con pelo rizado en la infancia, porque no comprenden el origen y la cultura relacionados con su cabello, y esta etapa suele reverberar en sufrimiento. Para ello, cuestionamos la legitimidad del discurso propuesto en los libros infantiles, si contribuyen o no a la recuperación de la identidad. El objetivo es analizar el cabello como elemento de representación de la identidad en los niños, así como crear conciencia crítica sobre el elemento del cabello como representación de la identidad, además de contribuir a la formación de la identidad de los niños afrobrasileños. Se propone un Análisis Crítico del Discurso del libro «O cabelo de Lelé» de la autora Valeria Belém. Se trata de un estudio bibliográfico con enfoque cualitativo y su categoría es el análisis crítico del discurso. Contribuyen Orlandi (2020), Fairclough (1989; 2001), Halliday (2004), Magalhães (2004) Domingues (2005), Coutinho (2001), Palhares (2012), Gomes (2023) Guimarães (2013) Mariosa y dos Reis (2011).

PALABRAS CLAVE: identidad; análisis crítico del discurso; infancia; literatura.

¹ Universidade Estadual de Goiás (UEG), Brasil. Orcid: 0009-0008-1641-8803.

² Universidade Estadual de Goiás (UEG), Brasil. Orcid: 0000-0003-2371-3030.

INTRODUÇÃO: MECHAS QUE MEXEM COM A HISTÓRIA

O cabelo crespo, ao longo da história, tem sido um componente fundamental na construção da identidade, especialmente ao longo do século XX. Movimentos como a Negritude e o Black Power são exemplos históricos que ilustram lutas e esforços para fortalecer a expressão identitária e cultural. O movimento Black Power, conforme abordado por Coutinho (2011), emergiu na década de 1960 com o propósito de resgatar a forma original do cabelo africano. Esse período foi crucial para a reflexão sobre a formação da identidade, destacando o cabelo como um elemento simbólico representativo da identidade negra. Nesse contexto, muitos indivíduos negros optaram por assumir seus cabelos naturais, recusando os padrões de beleza eurocêntricos que perpetuavam a ideia de que apenas cabelos lisos eram considerados esteticamente atraentes.

No Brasil, “a negritude foi um ideário que floresceu como expressão de protesto da pequena-burguesia intelectual negra (artistas, poetas, escritores, acadêmicos, profissionais liberais) à supremacia branca” (Domingues, 2005, p. 14, grifo do autor), do mesmo modo, em Goiás, o cabelo como elemento da representação da identidade reverbera no conto literário: “O cabelo de Lelé” da escritora Valeria Belém (2012) com o objetivo de instigar a percepção infantil acerca do cabelo como elemento constituinte de sua identidade, bem como de fomentar o fortalecimento das raízes identitárias, busca-se proporcionar às crianças a oportunidade de se enxergarem no espelho e apreciarem a beleza intrínseca à história e cultura que se manifestam através de cada cacho.

Com a promulgação da Lei nº 10639/03, observa-se um incremento relativo na produção de literatura infantil brasileira que aborda o cabelo como elemento representativo da identidade. Exemplificando este fenômeno, obras como "Antônia e os Cabelos que Carregavam os Segredos do Universo" (Brito, 2022), "Com Qual Penteadinho Eu Vou" (Oliveira, 2021), "Quero Meu Cabelo Assim" (Franco, 2012) e "O Mundo Black Power de Tayó" (Oliveira, 2013) evidenciam a preocupação em contribuir para a formação da identidade infantil, utilizando o cabelo como um símbolo identitário da cultura africana. Essa abordagem na literatura infantil surge como uma resposta às inquietações e conflitos enfrentados por crianças negras com cabelo crespo em meio social.

A infância é uma fase crucial no processo de construção da identidade, marcada por descobertas, e uma delas está relacionada à percepção das diferenças, sendo o cabelo um elemento destacado nesse contexto. Palhares (2012) destaca a necessidade de uma atenção especial em relação à perda da identidade, vinculada a uma perspectiva histórica de uma sociedade colonizada que continua a manifestar-se na contemporaneidade, na forma de colonialidade presente na linguagem.

A colonialidade, segundo Palhares (2012), é uma condição atual disfarçada e atuante na sociedade brasileira, sendo um componente intrínseco do poder capitalista que se sustenta por meio da classificação racial. Este fenômeno, enraizado no currículo escolar e em diversas formas de interação social, perpetua e renova a estrutura de dominação. Sob esse olhar, Da Silva Oyarzabal e Pires (2019) retratam novas formas de escravidão presenciadas no Brasil que ainda não cicatrizaram na população negra brasileira.

O racismo, consolidado pelo mito da democracia racial, é a maior herança do sistema escravocrata brasileiro, que cruelmente se transforma para se manter ativo. Mesmo que os movimentos negros façam cotidianamente um trabalho para resgatar a humanização desses sujeitos, essa discriminação está naturalizada e enraizada na sociedade brasileira. Agindo estrutural e institucionalmente, o racismo é responsável pela dificuldade da ampliação dos direitos de cidadania da população negra, que ainda apresenta dificuldade de chegar até aos acessos que permitem melhores condições de vida, que estão sob domínio da elite branca (Da Silva Oyarzabal; Pires 2019, p. 7).

A literatura infantil, portanto, desempenha um papel significativo ao abordar essas questões e contribuir para o entendimento crítico sobre a relação entre identidade, cabelo crespo e colonialidade.

A análise crítica do conto literário "O Cabelo de Lelê" de Valeria Belém (2012) propõe-se a analisar se esses discursos presentes na literatura infantil verdadeiramente contribuem para o resgate da cultura afro-brasileira. A reflexão sobre o termo "raça", associado ao cabelo como elemento da representação da identidade destaca a possibilidade de reforçar ideias racistas. Quijano (2005) ressalta que, na América, a ideia de raça foi utilizada para legitimar relações de dominação, e, portanto, é crucial analisar como os discursos presentes na literatura infantil podem legitimar ou desafiar essas relações.

A sala de aula emerge como um espaço relevante para evidenciar as diferenças, especialmente no que diz respeito ao cabelo crespo, onde crianças podem vivenciar angústias e conflitos decorrentes da falta de compreensão sobre a cultura que envolve

esse elemento identitário. O trabalho de Nilma Lina Gomes, intitulado "Educação, Identidade Negra e Formação de Professores/as: Um Olhar sobre o Corpo Negro e o Cabelo Crespo", oferece uma abordagem que contribui para a compreensão dessas angústias e conflitos experimentados por crianças que, um dia, também enfrentaram situações semelhantes no contexto escolar.

A escola, conforme Guimarães (2012), deve justificar-se como um espaço de formação de indivíduos autônomos, capazes de compreender a si mesmos, a sociedade, a natureza do trabalho capitalista e a exploração à qual estão sujeitos. Caso contrário, torna-se uma instituição que instrui e qualifica para a eficiência dentro da ordem existente, gerando indivíduos desprovidos de compreensão crítica sobre si mesmos e a sociedade.

Gomes (2003) destaca que o cabelo, como elemento visível do corpo humano, expõe a etnia e representa uma característica específica de determinados grupos étnicos. Dessa forma, a literatura infantil que aborda o cabelo como elemento da identidade emerge como um suporte para famílias, comunidades e ambientes educacionais, proporcionando às crianças a oportunidade de descobrir sua identidade por meio do reconhecimento de sua cultura, incentivando transformações e uma maior aceitação de sua etnia.

MADEIXAS COMO QUESTÃO DE IDENTIDADE E DIFERENÇA

Silva (2000), ao ressaltar a produção social da identidade e da diferença, aborda que a produção social da identidade e da diferença se complementam; nesse sentido, assumir a identidade brasileira é o mesmo que assumir ser diferente do europeu, pois ambas as identidades são marcadas por contextos de criações linguísticas que as diferenciam. Nessa vertente, os atos e criações linguísticas de um povo torna-se responsável pela formação da identidade de um determinado povo.

Identidade e diferença além de serem interdependente partilham a característica: elas são o resultado de atos de criação linguística[...] São criações sociais e culturais[...] são criadas por meio de atos de linguagem. [...] A definição da identidade brasileira, por exemplo, é o resultado da criação de variados e complexos atos linguísticos que a definem como sendo diferentes de outras identidades nacionais (Silva, 2000, p.76).

A formação da identidade inicia-se na infância, com o intuito de desenvolver homens e mulheres conscientes de suas culturas e orgulhosos do cabelo que os

representam se libertando de imposições culturais impostas oriundas de países europeus. Ao fundamentar o cabelo como elemento da representação da identidade torna-se imprescindível uma nova formação autônoma.

Desse modo, a criança poderá questionar aquilo que lhe é imposto, dizendo não ou sim para determinadas palavras ou expressões que impõem e excluem na construção da identidade, visto que de acordo com Silva (2000) a linguagem é uma criação social e cultural. Assim, assumir o cabelo normal sem química, assumir origens, e compreender a cultura afro-brasileira é ao mesmo tempo dizer não para uma cultura imposta questionando os binarismos em torno dos quais as relações se organizam.

Onde existe diferenciação, aí está presente o poder. A diferenciação é o processo central pelo qual a identidade e a diferença são produzidas. Marcas da presença do poder: incluir/excluir (“estes pertencem, aqueles não”), demarcar fronteiras (“nos” e “eles”); classificar (“bons e maus”, “puros e impuros”, “racionais e irracionais”); normalizar (“nós somos normais eles são anormais”). Questionar a identidade e a diferença como relações de poder significa problematizar os binarismos em torno dos quais eles se organizam (Silva, 2000, p.81, grifo do autor).

Nesta perspectiva, a apropriação da consciência crítica implica conduzir a criança a assumir o cabelo como um elemento que a representa, partindo do pressuposto de que por trás do cabelo crespo há uma cultura e identidade distintas. Esse processo de despertar para a consciência crítica conduz à libertação da criança tanto da consciência ingênua, que interpreta a realidade de acordo com suas preferências, como, por exemplo, alisar o cabelo para se adequar aos padrões sociais, quanto da consciência mágica, que simplesmente aceita uma cultura sobrepondo-se à outra e resigna-se diante de ofensas e atos discriminatórios.

O reconhecimento das disparidades associadas ao elemento cabelo na representação da identidade ao longo da história instiga a necessidade de ações concretas por parte do sistema educacional, famílias, grupos e comunidades. Tais atores devem orientar as crianças para uma formação crítica, estimulando-as a compreender a autêntica realidade que as envolve. Essa abordagem busca capacitar as crianças a questionar, debater e compreender as relações causais e circunstanciais que as afetam.

A conscientização sobre o cabelo como um elemento representativo da identidade na infância revela-se de grande importância. Ao despertar a mente infantil para a compreensão de sua identidade, ocorre uma ressignificação, levando a criança a desenvolver-se de maneira autônoma, a existir no mundo de forma mais plena e a

romper com a cultura imposta. Esse processo implica que a criança assuma conscientemente e com orgulho sua verdadeira identidade. Nesse sentido, Oliveira e Araújo (2019) abordam sobre a importância da conscientização:

É fundamental que as crianças cresçam conscientes de que não precisam se enquadrar em padrão nenhum, as crianças são legítimas. Precisamos a todo o momento encontrar novos caminhos de empoderamento das crianças, para que elas cresçam consciente capaz de construir saberes críticos, que habilitem a reagir diante dos padrões que a todo tempo é propagado pela mídia e somos levados a acreditar em estereótipos que não nos representam (Oliveira e Araújo, 2019, p.2)

A conscientização do cabelo como elemento que representa a identidade nasce de um processo histórico de reivindicações, como já exposto através de movimentos como Negritude e Cabelo *Black Power*. Nessa vertente, percebe-se um espaço significativo na produção de literatura e trabalhos com intuito de evidenciar e valorizar o cabelo crespo levando as crianças a tomada de consciência da boniteza de seus cabelos crespos conduzindo-as a aceitar com orgulho sua identidade e principalmente se fazendo existir no meio em que vivem.

Desse modo, a cultura pode ser transformada através do tempo por meio da educação como forma de conscientização e respeito as diferenças culturais. Para Sacristán (1999), “a prática é a cristalização coletiva da experiência histórica das ações, é o resultado da consolidação de padrões de ação sedimentados em tradições e formas visíveis de desenvolver a atividade” (p. 73), pois a cultura não muda de uma hora para outra, ela acontece com a prática de ações ocorridas diariamente, nesse sentido, a maneira como se comportam, os sujeitos são ações praticadas ao longo da história que com o passar do tempo se consolida em cultura.

Contribuir para a formação da identidade afro-brasileira requer compreender criticamente a linguagem que reverbera nos discursos presentes nos livros, na família, na sala de aula, na internet, nos grupos ou nas comunidades. Nesse sentido, a palavra, atos e atitudes podem contribuir para reforçar a negatividade atribuída ao cabelo crespo, como pode contribuir positivamente para reforçar uma nova concepção de linguagens que ao se reverberar em discursos evidencie a beleza do cabelo crespo africano. Muitos são os atos descritivos que passam a tornar-se performativos na vida das crianças contribuindo para uma formação negativa renegando sua etnia.

Quando utilizamos a palavra racista como “negão” para nos referirmos a uma pessoa negra do sexo masculino, não estamos simplesmente fazendo uma

descrição sobre a cor de uma pessoa. Estamos, na verdade, inserindo-nos em um sistema linguístico mais amplo que contribui para reforçar a negatividade atribuída a identidade negra (Silva, 2000, p.92-93, grifo do autor).

Silva (2000) compreende o poder da palavra, gestos e atitudes, expressões e manifestações como atos de uma linguagem que determina relações de poder. Expressões que se manifestam em palavras como “cabelo bombril”, neguinho, macaco, contribuem para o fortalecimento de uma raça superior sobre a inferior. Nesse sentido, contribuir para a formação de um novo discurso requer a produção autêntica da captação da realidade e a compreensão de que o cabelo é um elemento que representa a identidade, e ao se fazer presente na literatura infantil sob uma linguagem respeitosa e de valorização da cultura, reverbera em mudanças sociais e culturais.

FIO A FIO: A ANÁLISE DO DISCURSO DO LIVRO “O CABELO DE LELÊ”

A Análise Crítica do Discurso (ACD), foco de análise no livro "O Cabelo de Lelê (2012)" neste artigo, desvela o discurso a partir das representações do mundo e evidencia o conhecimento socialmente construído. Nesse sentido, a abordagem da análise do discurso "busca descrever as práticas discursivas ao destacar como os discursos são moldados por relações de poder e ideologias, e os efeitos constitutivos que o discurso exerce sobre as identidades sociais" (Fairclough, 2001, p. 31). Nesta perspectiva, a linguagem pode ser moldada tanto para o processo de formação autônoma da criança quanto para perpetuar uma educação que exclui.

Embora se reconheça que suscitam outras reflexões sobre o que é e o que significa a Análise do Discurso, a epistemologia proveniente tanto de Michel Pêcheux para a Análise do Discurso Francesa (ADF) quanto de Fairclough para a Análise Crítica do Discurso (ACD) não busca, neste estudo, inclinar-se para um lado ou outro, embora as análises aqui defendidas estejam mais acentuadas na segunda vertente.

Análise do Discurso, como o próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. Desse modo, a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento (Orlandi, 2020, p. 06).

Embora este estudo incline-se mais para as análises pecheutianas, reconhece-se em Orlandi as inferências sobre os desdobramentos previstos na Análise do Discurso (AD), os quais são encontrados nas análises deste trabalho, abordando o (per)curso e

movimento nas falas que essencialmente constituem as representações da personagem Lelê. Os discursos analisados neste tópico referem-se ao conto literário infantil intitulado "O Cabelo de Lelê", de Valeria Belém (2012). Atualmente, integra o conjunto literário do programa Alfa Mais Goiás. Este livro pertence à categoria de literatura infanto-juvenil brasileira, apresentando-se na forma de um conto. Cabe ressaltar que as análises seguem a estrutura de análises discursivas.

O livro se inicia com a mensagem "não": "Lelê não gosta do que vê. - De onde vêm tantos cachinhos? pergunta, sem saber o que fazer", evidenciando a reação negativa da personagem Lelê ao visualizar seu cabelo no espelho, sugerindo uma realidade inserida em uma cultura eurocêntrica. Gomes (2003), destaca a complexidade de construir relações que possam estabelecer a formação de uma verdadeira identidade.

Em uma segunda análise, o significado trazido pela personagem reflete na crítica construída de acordo com Quijano (2005), que argumenta que a ideia de raça surgiu para fortalecer o colonialismo e naturalizar as relações de poder, submetendo o conhecimento a uma perspectiva eurocêntrica. Nesse contexto, a palavra "raça" demarca posições que fortificam as desigualdades.

A mensagem "não gosta do que vê" destaca a realidade enfrentada por crianças negras na sociedade afro-brasileira contemporânea. Essa realidade, observada dentro de uma perspectiva eurocêntrica de conhecimento, revela as tentativas das crianças de se conformarem com os padrões de beleza impostos. Nesse sentido, evidencia-se a presença da relação de poder do discurso ideológico, no qual a fala de Lelê, segundo Fairclough (2001), traduz os estereótipos representativos dos discursos hegemônicos que buscam modelar o sujeito e submetê-lo à estrutura social dominante.

Na página 7, a expressão "joga prá lá, puxa prá cá. Jeito não dá, jeito não tem" revela as angústias e conflitos enfrentados cotidianamente por crianças que procuram adequar seus cabelos aos padrões considerados socialmente aceitáveis, preferencialmente cacheados, escuros, loiros ou lisos, desde que se enquadrem nos ideais de maciez e sedosidade, dentro do paradigma da "branquitude", totalmente oposto ao cabelo crespo da criança negra.

A formação da identidade infantil, conforme abordado por Mariosa e dos Reis (2011), destaca as consequências na formação da identidade quando esta não é orientada para uma formação autônoma, indicando um processo de inferiorização. Observa-se atualmente a promoção da cultura africana como predominante nos padrões de beleza. No entanto, o livro "O Cabelo de Lelê (2012)" evidencia, na primeira página, uma

realidade historicamente materializada pela linguagem relacionada ao poder, muitas vezes atuando de forma implicitamente ideológica, atuando contrária às afirmações de Fairclough (1989, p. 85), ao afirmar que “a ideologia é mais efetiva quando sua ação é menos visível”. A materialidade presente na vivência da personagem Lelê desloca-se dos princípios de neutralidade de Fairclough, pois, do contrário, haveria o risco de anulação diante da ideologia dominante.

A expressão "joga prá lá, puxa prá cá. Jeito não dá, jeito não tem" explicita um ideal marcado pela divisão de classes e padrões na sociedade, conforme destacado por Magalhães (2004), ultrapassando a causalidade mecânica ao relacionar a causa, presente na fala da personagem, com o efeito por ela vivenciado, estabelecendo uma relação dialética entre texto e contexto.

Nessa perspectiva, Gomes (2003) ressalta a importância de conectar a criança negra de cabelo crespo à sua ancestralidade, história, cultura e origem, proporcionando novos conhecimentos e orientando valores nos quais a criança possa se reconhecer. O estudo sobre o corpo e o cabelo como ícones da identidade negra nos processos educativos, tanto escolares quanto não escolares, pode oferecer insights além da denúncia da reprodução de preconceitos e estereótipos.

Na página 10, a passagem "toda pergunta exige resposta. Em um livro vou procurar! pensa Lelê, no conto a cismar" evidencia a iniciativa da personagem Lelê em buscar respostas por meio do livro, indicando uma criança que já internalizou a importância da mediação literária no processo de construção do conhecimento. Essa percepção sugere a existência de uma estrutura familiar e recursos adequados para a busca de conhecimento. A mensagem implícita é a promoção da ideia de que a criança deve recorrer ao conhecimento científico desde a infância.

Sob essa ótica, a materialidade presente na literatura atribui ao livro o papel de instrumento que configura espaço, sujeito e tempo, contribuindo para a formação autônoma do indivíduo. Observa-se, desse modo, um diálogo implícito com as formulações propostas por Fairclough (2001) sobre o diálogo de oposição, expresso pelo verbo "cismar". Este verbo, ao sugerir 'insistência', estabelece uma transitividade na fala de Lelê, indicando uma convergência entre a personagem e o processo comunicativo (Halliday, 2004).

O livro "O Cabelo de Lelê (2012)" configura-se como um referencial para introduzir as crianças à pesquisa e ao conhecimento em sua busca pela identidade. Refletir sobre os referenciais ao alcance das crianças torna-se crucial, pois eles

estabelecem relações de linguagem, poder, conhecimento, crenças, atitudes, culturas, diferenças e desigualdades.

Na página 12, a frase "Fuça aqui, fuça lá. Mexe e remexe até encontrar o tal livro, muito sabido! que tudo aquilo pode explicar" destaca a iniciativa de Lelê em buscar respostas, não apenas em um livro, mas em vários, enfatizando a necessidade de uma investigação aprimorada na leitura para adquirir conhecimento, com cuidado na linguagem para evitar reforçar o racismo.

A expressão "fuça aqui, fuça lá" reflete a busca pela pesquisa como meio para obter respostas, observando-se que não há menção à leitura digital, uma ferramenta amplamente presente na vida de crianças com padrões sociais semelhantes aos de Lelê, especialmente no ambiente escolar e familiar. Considerando o contexto atual, no qual a leitura se manifesta principalmente em formatos digitais, e as crianças cada vez mais utilizam essas tecnologias, torna-se importante adotar um olhar crítico em relação ao conteúdo, formato e intencionalidade presentes na web (Oliveira e Silva, 2022).

Na página 19, a passagem "Lelê gosta do que vê! Vai a vida, vai ao vento brinca e solta sentimento" utiliza os verbos "gostar", "brincar" e "soltar" para expressar as atitudes da personagem diante da nova realidade observada, indicando sua liberdade e a ruptura com uma cultura eurocêntrica. A intenção de incentivar a leitura é clara, atribuindo ao livro a responsabilidade por essa transformação na vida da personagem Lelê.

Na página 24 de "O Cabelo de Lelê", a frase "O negro cabelo é pura magia encanta o menino a quem se avizinha" destaca a beleza e a magia associadas aos cabelos negros, cativando a atenção do menino que se aproxima. A mensagem busca construir novos discursos que sirvam como vozes referenciais de linguagem, fortalecendo a cultura afro-brasileira. A linguagem utilizada destaca a beleza intrínseca dos cabelos negros, sugerindo que a proximidade com esses cabelos é encantadora.

A valorização da linguagem como elemento de poder aponta para a possibilidade de ressignificação cultural. Nessa análise, é possível observar a produção de sentido na fala de Lelê em relação à ideologia, destacando convergências na presença dessa dicotomia (Orlandi, 2020). O livro conclui com uma estrutura de diálogo direto com o leitor, estimulando uma interação reflexiva entre o narrador e o público: "Lelê ama o que vê! E você?"

MODELOS DE CORTES: REFLEXÕES EM MOVIMENTO

A busca pelo reconhecimento da verdadeira identidade tem enfrentado obstáculos na ruptura com a lógica de dominação. Ao refletir sobre o cabelo como um elemento representativo da identidade negra na literatura infantil, almeja-se desafiar essa lógica, promovendo uma linguagem que celebre a cultura africana e contribua para a formação de uma identidade positiva. Contudo, persistem formas de preconceito, especialmente quando uma criança negra de cabelo crespo é exposta em ambientes escolares ou em grupos sociais não preparados para desafiar a legitimação do racismo.

O preconceito ainda perdura, evidenciado pela Lei nº 9394 de 20 de janeiro de 1996, que tornou obrigatório o ensino de História e cultura Afro-brasileira, posteriormente alterada pela Lei nº 10639, de 9 de janeiro de 2023. Essas mudanças legislativas visam valorizar a luta dos negros no Brasil e sua contribuição nos aspectos sociais, econômicos e políticos. Embora avanços tenham sido feitos, percebe-se que o rompimento com o racismo ocorre a passos lentos.

Estudos indicam uma crescente valorização do cabelo crespo, especialmente com o movimento Black Power na década de 1960. No entanto, a estética e o mercado, enquanto produtores ideológicos, muitas vezes manipulam a população negra, utilizando o "fetiche" para vender produtos por meio de veículos de comunicação. Surge, então, o questionamento sobre se esse discurso realmente valoriza a cultura afro-brasileira ou se a explora em benefício próprio, perpetuando relações de dominação.

Uma análise crítica do livro "O Cabelo de Lelê" de Valéria Belém (2012) revela a negação do cabelo crespo pela personagem Lelê, expondo uma cultura eurocêntrica ainda presente. Essa negação evidencia o preconceito, levantando a questão da necessidade de livros para a valorização da cultura afro-brasileira. O ideal seria alcançar um ponto em que não seja mais preciso falar sobre racismo, mas sim sobre a beleza da cultura afro-brasileira, sem a necessidade de leis ou artefatos literários.

Enquanto não temos um cenário ideal, faz-se importante tecer uma análise crítica desse contexto, considerando a seleção cuidadosa de conteúdo para a formação da identidade da criança. A linguagem utilizada, as expressões e discursos presentes nesses materiais literários devem ser observados para verificar se contribuem para o rompimento do racismo ou o fortalecem.

Estudos que exploram as questões de língua, cultura, educação e colonialidade sugerem reflexões sobre possíveis contribuições da teoria pós-colonial latino-americana

para o ensino de línguas, enfatizando a necessidade de desenvolver pedagogias que questionem à ordem atual, destacando-se a importância de uma nova Pedagogia que valorize as diferenças identitárias e promova o respeito às diversidades.

Estudos sobre a identidade e diferença indicam a ausência de uma teoria da identidade e da diferença, destacando a necessidade de uma Pedagogia que considere as diferenças culturais e contribua para a reflexão sobre como as identidades e diferenças são produzidas, influenciando as relações de poder e contribuindo para as desigualdades.

Ao finalizar, este estudo destaca a importância de cultivar novos comportamentos, falas e atitudes que promovam positivamente a cultura afro-brasileira, utilizando a linguagem como poder transformador. A valorização positiva da cultura afro-brasileira na literatura infantil pode ser um passo inicial na formação de uma nova linguagem, contribuindo para o rompimento com o racismo e promovendo a construção de uma identidade positiva para as crianças negras.

REFERÊNCIAS

BELÉM, Valéria, **O cabelo de Lelê**. São Paulo: E. Ibep, 2012

BRASIL, Ministério da Educação. **Lei 10639/03 de 9 janeiro de 2023**. Brasília, 2023.

BRITO, Alan Alves. **Antônio e os cabelos que carregam os segredos do Universo**. Ed. Artêra Editorial, 2022.

COUTINHO, Cassi Ladi Reis. A estética e o mercado produtor-consumidor de beleza e cultura. **Anais do Simpósio Nacional de História, São Paulo, SP, Brasil**, v. 26, 2011. Disponível em: <https://scholar.google.com.br>. Acesso em: 09 abr. 2023.

DOMINGUES, Petrônio José. Movimento da negritude: uma breve reconstrução histórica. **Mediações-Revista de Ciências Sociais**, v. 10, n. 1, p. 25-40, 2005. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/2137>. Acesso em: 09 abr. 2023.

DA SILVA OYARZABAL, Larissa; PIRES, Claudia Luisa Zeferino. Abolição da escrava-tura: 131 anos de liberdade ou ilusão? **Literatura em Debate**, v. 13, n. 24, p. 4-14, 2019. Disponível em: <https://revistas.fw.uri.br/index.php/literaturaemdebate/article/view/-3299/2788>. Acesso em 29 abr.2024.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e Mudança Social**. (Coordenação da trad.) Izabel Magalhães. Brasília: UNB, 2001.

FAIRCLOUGH, Norman. **Language and Power**. New York: Longman, 1989.

FRANCO, Marcelo. **Quero meu cabelo assim**, Fortaleza: SEDUC, 2012. (Coleção PAIC Prosa Poesia).

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. **Educação e pesquisa**, v. 29, n. 01, p. 167-182, 2003. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/ep/v29n01/v29n01a12.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2023.

GUIMARÃES, Ged, A escola como projeto de emancipação do homem. *In*: COÊLHO, Ildu Moreira. **Escritos sobre o sentido da Escola**, 1ªed. São Paulo: Mercado de Letras, 2012.

HALLIDAY, Michael A. K. **An Introduction to Functional Grammar**. Hodder Education, 2004.

MAGALHÃES, Izabel. **Teoria Crítica do Discurso e Texto**. Linguagem em (Dis)curso - LemD, Tubarão, v. 4, n. esp, p. 113-131, 2004. Disponível em: <https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br>. Acesso em: 03 jun. 2023.

MARIOSIA, Gilmar Santos; DOS REIS, Maria da Glória. A influência da literatura infantil afro-brasileira na construção das identidades das crianças. **Estação Literária**, v. 8, n. 1Supl., p. 42-53, 2011. Disponível em: <https://scholar.google.com.br>. Acesso em: 12 maio 2023.

OLIVEIRA, Achilles Alves de; SILVA, Yara Fonseca de Oliveira. Mediação pedagógica e tecnológica: conceitos e reflexões sobre o ensino na cultura digital. **Revista Educação em Questão**, v. 60, n. 64, 022. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S0102-77352022000200203&script=sci_arttext. Acesso em: 18 abr. 2023.

OLIVEIRA, Ednalva Rodrigues; DE ARAUJO, Jaqueline Rodrigues de Oliveira. **O Cabelo crespo e a representação social na educação infantil**. Disponível em: <https://scholar.google.com.br>. Acesso em 15 abr. 2023.

OLIVEIRA, Kiusan. **Qual penteado eu vou**. São Paulo: Ed. Melhoramentos, 2021.

OLIVERIA, Kiusan. **O mundo Black Power de Tayó**. São Paulo: Ed. Peirópolis, 2013.

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 13. ed. Campinas, SP: Pontes, 2020.

PALHARES, A. C. M. H. Língua, cultura, educação e colonialidade: reflexões sobre o ensino aprendizagem de línguas em uma perspectiva pós-colonial. **Revista Interfaces de Saberes**. v. 12, n. 1, p. 1-15, 2012. Disponível em: <https://interfacesdesaberes.fafica-pe.edu.br/index.php/import1/article/view/158/77>. Acesso em: 12 abr. 2023.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e America Latina. *In*: LANDER, E. (Org.) **A Colonialidade do Saber: eurocentrismo e ciências sociais**. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7232729/mod_resource/content/1/Quijano.pdf. Acesso em: 15 abr. 2023. p.2-27.

SACRISTÁN, Gimeno, j. **Poderes instáveis em educação**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

SILVA, Tomaz Tadeu et al. A produção social da identidade e da diferença. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, p. 73-102, 2000. Disponível em: <https://scholar.google.com.br>. Acesso em: 15 maio 2023.

SOBRE AS AUTORAS

Lélia de Almeida Arraes Freitas

Mestranda do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias (PPG-IELT) da Universidade Estadual de Goiás (UEG). Professora alfabetizadora efetiva no Município de Senador Canedo Goiás e escritora de literatura infantil. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2961545926568266>.

E-mail: lelia.araes@gmail.com

Olira Saraiva Rodrigues

Professora e pesquisadora do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias da Universidade Estadual de Goiás (PPGIELT/UEG) Pós-doutorado pelo Departamento de Ciências da Comunicação e da Informação da Faculdade de Letras da Universidade do Porto em Portugal (FLUP) Pós-doutorado em Estudos Culturais pela Faculdade de Letras (UFRJ) Doutorado em Arte e Cultura Visual (UFG) Mestrado em Educação (PUC-Goiás) Graduação em Letras (UEG) Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8866061054957829>.

E-mail: olira.rodrigues@ueg.br

Artigo recebido em 23/02/2024.

Artigo aceito em 20/05/2024.